COLEÇÃO DE CULTURA GERAL

Ernest Terry

o homem e o SOBRENATURAL

Conhece o homem o mundo sobrenatural?

Qual a resposta da Filosofia e da Ciência?

O que nos indicam as últimas observações.

Coleção de

Cultura Geral

ÚTIL

TANTO para os que ainda não sabem,

COMO para os que desejam revisar seus conhecimentos!

EXPOSIÇÃO RIGOROSA,

mas em

Linguagem clara e acessível

a todos!

ERNEST TERRY

"O Homem e o Sobrenatural"

"UMA EXPOSIÇÃO CLARA E ACESSÍVEL DE UM DOS MAIS ATRAENTES PROBLEMAS QUE DESAFIAM AS SOLUÇÕES DA CIÊNCIA E DA FILOSOFIA".

ERNEST TERRY

"O Homem e o Sobrenatural"

I N D I C E

Limites do Conhecimento 5

A polêmica entre dogmáticos e céticos 17

O natural e o sobrenatural 23

Os fenômenos metapsíquicos 31

Experiências transcendentais 47

O que nos mostra a Filosofia e a Ciência 55

Limites do conhecimento

Desde os tempos mais primitivos, entre as tribos mais atrazados do mundo até entre as mais altas culturas e civilizações já conhecidas na história, os factos sobrenaturais, — aquêles que se dão, sem que lhes caiba uma explicação natural, dentro dos conhecimentos adquiridos, — sempre impressionaram os homens.

Entre êsses factos, podemos citar as aparições de pessoas mortas, como acontecimentos inesperados que por suas características se diferenciam completamente dos factos comuns.

O homem primitivo, assim como o moderno, pergunta sôbre a sobrevivência após a morte, pergunta se perecemos totalmente com o corpo e, nesse caso, seríamos apenas corpo; pergunta se não há outra vida; se esta vida, onde há tantas alegrias e muito mais tristezas, é a única. E essas perguntas tiveram suas respostas:

1) pela crença em explicações religiosas com a correspondente convicção firme de que tais explicações são exactas, ou seja, a fé;

2) ou mereceram a investigação cuidadosa de homens devotados ao saber, ansiosos de explicações rigorosas, que, de investigação em investigação, usando a poderosa arma do pensamento, invadiram o terreno das idéias, formadas pelas religiões e pelas crenças populares, para compará-las, analisá-las, observar se umas se ajustavam plenamente às outras: foram os **filósofos.**

3) Finalmente surgiram dentre os sábios (1) alguns que procuravam apenas explicar os **factos naturais**, que tinham seu âmbito dentro apenas do que se processava através de causas conhecidas, dentro da própria natureza, desinteressando-se pelos factos sobrenaturais, ou sejam os que não obedeciam à ordem de causa e efeito.

Os três grupos que acima citamos, os religiosos, os filósofos e os cientístas (2) mantiveram sempre explicações diversas e muitas vêzes discordantes. Longas foram as discussões entre êles, como ainda o são. E essas discussões se processaram sobretudo num terreno bem definido. Vamos analisar: Tôdas as pessoas que afirmam ter assistido factos extraordinários, que ultrapassam as chamadas explicações científicas, acreditam em poderes sobrenaturais, superiores aos poderes da natureza, os quais são dirigidos por aquêles. Ora, tais factos extraordinários se dão, como êles estão certos que se dão, porque os assistiram, como

dizem. Os que não os assistiram, não crêem neles. Para os primeiros, não surgem êles por acaso, mas são orientados por uma inteligência que é maior que a nossa, e que dispõe de poderes tão grandes que pode modificar as normas constantes da natureza.

Dá-se aqui um facto psicológico muito interessante. Quem viveu uma situação, um facto, um acontecimento, tem dêle um **conhecimento** diferente de quem apenas o conhece através de informações de terceiros. Assim, por exemplo, podemos conhecer uma grande capital, ter dela as mais amplas informações, ter examinado suas vistas principais, conhecer até o traçado de suas ruas, saber onde estão seus subúrbios, enumerar seus teatros, seus museus, suas escolas superiores. Quem tiver tal conhecimento o terá sempre diferente de quem já esteve nessa capital, quem lá viveu, quem lá sentiu pulsar a vida da metrópole. Chamam os psicólogos, a êsse "conhecimento" vivido, de **vivência**. A vivência de um facto nos dá um saber diferente do facto, diferente do mero conhecimento através de conceitos sôbre o facto. Dessa forma, tôdas as pessoas que assistiram ou afirmam assistir factos sobrenaturais têm dêles uma convicção totalmente diferente de quem os estuda apenas através das informações recebidas.

Por isso, vemos sempre o choque de opiniões que se trava quotidianamente entre os que viveram

tais factos e os que apenas tomam conhecimento dêles através das informações de terceiros, muitas vêzes testemunhas dêsses acontecimentos. Desde logo se vê, que sendo diferente a convicção de cada grupo é natural que os primeiros, — os que viveram os factos —, tenham uma certeza e afirmem dogmàticamente o que assistiram; enquanto os segundos, os que não viveram, permaneçam na maior parte das vêzes duvidosos da realidade de tais factos, produtos da imaginação de quem os afirma, e tomam assim uma posição **cética.**

Não se julge, porém, que **dogmáticos** sejam apenas os que acreditam na existência do sobrenatural, e **céticos** os que põem dúvidas. A luta entre dogmáticos e céticos é mais complexa e merece que a estudemos com tôda clareza para que se possa estabelecer de antemão algumas bases que nos permitam penetrar em outros terrenos importantes para facilitar-vos alguma resposta à pergunta que intitula êste trabalho.

A ciência que estuda os factos naturais, sob o aspecto meramente quantitativo, é a física, como todos o sabem. Mas há o que ultrapassa o terreno da física, o terreno meramente do experimentável. Enquanto os físicos apenas se interessam pelo estudo da realidade física, há homens que procuram estudar outras realidades. Sabemos que a filosofia é a disci-

plina que estuda o todo. Nesse caso, o que cabe à física também cabe à filosofia, mas esta abrange mais, como seja, o estudo de outras realidades não pròpriamente físicas.

Então podemos apresentar as seguintes posições:

1) que há uma realidade física, embora possam dar-se outras;

2) que só há uma realidade, a física;

3) que há, certamente, outras realidades, além da física.

No primeiro caso, há uma dúvida, ao lado de uma certeza.

Sabe-se que há uma realidade física, mas quanto as outras realidades, além da física, (e temos, então, as realidades metafísicas, pois meta quer dizer em grego além de, e metafísica é a disciplina que estuda essas realidades para afirmá-las ou para negá-las) dessas não temos certeza nem de sua existência nem de sua não existência.

Ora, tôda posição dogmática é uma posição que afirma que podemos ter uma certeza absoluta. Nesse caso, quem afirmar a certeza absoluta de que há uma realidade física, dogmàticamente aceita essa realidade. Nesse primeiro caso, temos uma posição dogmática quanto ao físico, mas uma posição cética quanto a ou-

tras realidades, pois o ceticismo, em suas linhas gerais, consiste em duvidar da existência de uma certeza absoluta.

Vejamos agora a segunda posição: nesta há uma posição dogmática quanto à aceitação de uma realidade física, ao mesmo tempo que se nega, terminantemente que haja outra. A terceira posição é também dogmática e afirma que há outras realidades além da física (natural).

Declara-nos a ciência que os meios de que dispomos para conhecer a realidade física são os nossos sentidos, coordenados pela nossa inteligência, com o auxílio ou não de instrumentos também físicos. Mas todos os nossos conhecimentos estão sujeitos à apreciação da experiência. Só são fenômenos naturais os que podem ser experimentados e sujeitos a possível reprodução, os quais oferecem um nexo, isto é, uma ligação entre êles e os outros fenômenos, ligação que se chama, freqüentemente, de **causa** e **efeito.** Todo fenômeno natural é o efeito de uma causa natural. Ou em outras palavras, todo fenômeno natural não nega a ordem da natureza, e afirma a conexão que há entre êle e outros fenômenos. É graças a essa conexão que a ciência é possível.

Ora, há estudos feitos pelos homens que ultrapassam o campo do natural. Mesmo quando os homens estudam um fenômeno natural, encontram elos

que os ligam com um mundo que escapa ao experimentável, que fica além da nossa experiência física. Êsse mundo, mundo das idéias, porque dêle ao menos sabemos que só temos idéias, forma uma realidade que não é a realidade física. É uma realidade metafísica. E assim, como ante a primeira temos meios de conhecê-la que são os nossos sentidos, ampliados pelos instrumentos que dispomos, essa outra realidade escapa aos nossos sentidos e aos seus instrumentos, assim o afirmam os metafísicos, e dispomos de outros meios para conhecê-la. Êsses meios são para os metafísicos:

1) a razão, e os raciocínios, — e temos a **metafísica racional**;

2) a afectividade, e suas funções — e temos a **metafísica mística**.

A metafísica usa dos meios que nos oferece a razão, que é a metafísica mais comum, a metafísica dos filósofos em geral, ou a afectividade com suas manifestações místicas e estéticas, e temos a metafísica pròpriamente religiosa, mas que preferimos chamar de mística, porque há religiosos que procuram explicar a metafísica de suas religião apenas por meios racionais.

Surge logo um problema para os metafísicos que se colocam quer num, quer noutro ponto: **Até onde a razão é meio suficiente para conhecer a verdade?**

A ciência que examina o valor da razão é a criteriologia. E nesse estudo podem os filósofos atingir duas soluções:

1) que a razão é realmente instrumento capaz de penetrar nessa realidade sobrenatural;

2) que a razão não é instrumento suficiente, e precisa ser completada em sua ação por outros instrumentos, como a intuição, quer mística, quer estética, etc.

Essas duas soluções merecem exame especial, o que faremos.

Para sintetizar o que até agora estudamos, podemos dizer que se chamam **monistas**, os que admitem apenas uma realidade, **dualistas**, os que admitem duas. Êstes também se chamam **pluralistas**, e ficam incluídos nos que admitem duas ou mais realidades. Resta-nos agora examinar as duas posições: a **dogmática** e a **cética**.

Os dogmáticos afirmam, como já vimos, que podemos chegar a certas afirmações verdadeiras, aquelas das quais não possa haver a menor dúvida, enquanto os céticos alegam que o espírito humano nada pode afirmar com certeza, e deve, por isso, pôr em suspensão todo juízo definitivo. Acrescentam, ainda, que a convicção de uma certeza prova apenas a convicção e não a certeza.

A palavra ceticismo vem de skepsis, em grego quer dizer: exame. Em tôdas as culturas e civilizações, conhecidas na história, quando as velhas normas do passado não são mais capazes de resolver os grandes problemas que as sociedades defrontam, quando o conhecido, até então aceito como certo, é insuficiente para explicar os factos, surgem sempre homens que se põem a duvidar dêsse meios.

Surgem, nesse momento, os que combatem as idéias religiosas, surgem os que se chamarão depois entre os gregos, os céticos.

Entre os gregos, êles surgiram também num momento em que se enfraquecia a fé nas velhas crenças. O ceticismo é sempre intermediário entre uma crença que se desmerece e uma nova crença que surgirá como conseqüência da crítica cética, porque a história nos mostra que os homens creem, e quando põem em dúvida as suas crenças, precisam de outras para substituí-las, porque não se podem manter numa posição constantemente cética. Alguns indivíduos, que conseguem manter-se, vivem num desespêro que muitas vêzes atinge até a exaltação.

Todos sentem que hoje vivemos uma época de ceticismo. Mas, na verdade, o homem moderno crê na ciência, embora descreia de outras realidades que não a natural. Os céticos são hoje numerosos, mas

são ainda uma minoria ínfima, porque descrer de algo não é descrer de tudo.

Há uma diferença, porém, entre o ceticismo antigo (grego) e o moderno. E já vamos mostrar:

O ceticismo grego era absoluto. Pirro, por exemplo, afirmava que a verdadeira posição do sábio era a de nada afirmar. E explicava mais ou menos assim: Todos os factos estão ligados a outros. Para conhecer um facto preciso conhecer os outros, e assim sucessivamente, logo preciso saber tudo para saber alguma coisa. Além disso, disponho apenas de meus sentidos, e êsses me oferecem constantes ilusões, não me permitindo, portanto, nenhuma certeza."

Quanto ao primeiro argumento, costuma-se responder da seguinte forma:

Não sabemos tudo de cada facto, mas daí não se pode concluir que nada sabemos de cada facto. Quanto ao segundo argumento, pode dizer-se que temos certezas hoje de que não podemos duvidar, e já no tempo de Pirro poder-se-ia afirmar que, quando pensamos, temos certeza de que existimos.

Afirmava ainda Pirro que as contradições entre os homens provavam que não possuimos nenhuma certeza. Realmente, há contradições entre os homens, mas há também aspectos que nos mostram princípios comuns.

Outro argumento, e o mais famoso dos céticos, é o dialelo, em grego di allcloi, que significa um pelo outro. Consiste êsse argumentos no seguinte: não podemos demonstrar o valor da razão senão nos apoiando na razão, o que constitui um círculo vicioso. Respondem os dogmáticos aos céticos com essas palavras: "não se pode provar o valor da razão, mas ela é evidente. Por outro lado, afirmar que a razão não tem valor é fazer uma afirmação absoluta. Ora, os céticos fazem afirmações absolutas, logo têm certeza, e são dogmáticos".

Dessa forma ceticismo absoluto é dogmatismo. Vejamos, agora, as outras posições céticas, que não são absolutas.

São os céticos modernos que se podem classificar como céticos relativos, cuja doutrina é o relativismo. Afirmam êstes que o nosso conhecimento é relativo à constituição fisiológica ou mental de quem conhece. Dessa maneira conhecem diferentemente dos outros os indivíduos de constituição diferente.

Reconhecem hoje todos os filósofos que o nosso conhecimento sensível é relativo aos nossos órgãos e aos seus prolongamentos. Resta saber se a razão ou a afectividade são caminhos ou instrumentos hábeis para conquistarmos alguma verdade. Se reconhecemos que os sentidos não o são, não é suficiente para que digamos que a razão ou a afectividade o sejam. Co-

locam-se, assim, êsses céticos moderados num ponto de partida cético. Afirmam que dispomos de meios relativos e frágeis, mas se podemos ou não alcançar uma verdade, já é outro tema. E aqui se bifurcam os céticos modernos que usam o ceticismo como método, isto é: duvidam, de início, até alcançar um ponto seguro, um ponto de apoio, sôbre o qual possam construir uma certeza. E essa bifurcação se pode estabelecer assim:

1) Os que julgam que possamos atingir uma verdade, partindo de um ponto cético, mas uma verdade que condiz apenas com a realidade natural; e

2) os que julgam que podemos, também partindo de um ponto cético, atingir outras realidades, como a metafísica, ou o sobrenatural, com os mesmos elementos que dispomos, auxiliados pela afectividade (mística, estética, etc.).

A polêmica entre dogmáticos e céticos

Estamos agora preparados para responder à pergunta que intitula êste trabalho, mas ainda nos falta saber bem claramente a diferença entre natural e sobrenatural. Considera-se, em suma, como natureza o mundo dos sêres reais que são os que se dão no tempo e no espaço, isto é, os corpos, — o que está aí —, e tais corpos estão sujeitos a leis gerais, constantes que se repetem indefinidamente e que revelam a ordem universal.

O sobrenatural seria o que está além da natureza, o que não se daria no tempo e no espaço, o que não é corpo e que não está sujeito às mesmas leis que ordenam o mundo natural. Para o cristão, são verdades sobrenaturais as que são reveladas ao homem por Deus, e são o inverso das verdades naturais, que são obtidas pela ciência humana.

Nesse caso, teríamos um dualismo:

1) natureza;

2) sobrenatureza.

Ou, então, como o fazem muitos filósofos, que aceitam apenas a natureza, e temos o **monismo naturalista.**

Outra posição, a mais comum na história do pensamento humano, é a seguinte: a natureza é o conjunto dos sêres reais que se dão no tempo e no espaço e que tem uma ordem. Ora, tôda ordem exige um criador da ordem, logo há um poder que o ordenou. Neste caso, êsse poder não é natural, pois, se o fôsse, a ordem já estaria na natureza. Então êsse poder é sobrenatural (Deus), o qual a criou. Neste caso temos o dualismo de matéria (natureza) e espírito (divino). Pode dar-se, ainda, outra posição: a dos que aceitam que o poder divino é a essência da natureza. Esta seria uma manifestação daquele. Dessa forma, a natureza seria também Deus e temos o monismo panteísta. (**Pan** em grego quer dizer tudo, tudo é Deus).

Colocado o problema neste ponto, resta saber agora o seguinte: se o homem conhece (bem ou mal, não importa) a natureza, conhece êle também o sobrenatural?

A essa pergunta, os monistas materialistas dirão que não, porque êsse sobrenatural não existe.

Para os segundos (dualistas), êsse sobrenatural existe e pode ser conhecido (mais ou menos não importa), pelo homem.

No terceiro caso, o do panteísmo, o homem conhece o natural. E o que êle chama de sobrenatural nada mais é que uma manifestação mais sutil da natureza, o que nos levou a crer na existência de duas ordens, a natural e a sobrenatural.

* * *

O que é considerado como sobrenatural não é apenas o divino. Em quase tôdas as religiões sempre se considerou o homem como composto de alma e corpo. O corpo pertenceria à natureza, e a alma, algo mais subtil, mais diáfano, seria, para os dualistas, pertencente ao sobrenatural, e para os monistas apenas um funcionamento mais complexo do corpo (como o funcionamento superior do sistema nervoso), e para os panteistas como uma manifestação da natureza divina.

Ora, sucede que ante as religiões essa alma apresenta características especiais:

1) não se sabe onde se localiza;

2) não é apenas um corpo, porque do contrário seria puramente natural;

3) não sendo corpo não morre com o corpo, ela sobrevive ao corpo.

Muitas vêzes, estudiosos dos mais profundos têm procurado explicar os fenômenos psíquicos, que perten-

cem à ciência da psicologia. E não se satisfizeram com as explicações meramente materialistas.

Há no facto psíquico aspectos que o tornam diferente do acto material qualquer. A aceitação constante nas religiões de uma outra vida, dizem muitos, procede da presença nos sonhos, de pessoas já mortas. Ora, se essas pessoas estão mortas, como poderiam aparecer suas imagens nos sonhos? Os homens mais primitivos, concluiram daí que havia uma sobrevivência do espírito após a morte. E realmente o culto que os povos prestam aos mortos, com as características que apresenta, mostra claramente que acreditam numa outra vida, a vida de além-túmulo.

Além disso, se não houvesse outra vida, os maus felizes, porque os há, ou pelo menos nos parecem, seriam uma afronta aos que praticam o bem. E, nesse caso, de que valeria praticar o bem se os maus também obtêm benefícios e não são punidos? Deve haver uma outra vida, onde, pelo menos, lá, os maus, os opressores, os exploradores, paguem pelos males que praticaram.

Em tôdas as épocas houve a aceitação de factos, que são constantemente reafirmados, de que as pessoas mortas surgem ante os vivos, não apenas em sonhos, mas em outras manifestações mais importantes. Há aparições de mortos e muitas vêzes êsses mortos se

comunicam através de palavras com os vivos e lhes dão conselhos ou lhes fazem ameaças. Em tôdas as regiões do mundo essas crenças surgem, e muitas vêzes estão ligadas às práticas religiosas que, em grande parte, ensinam a penetrar nos magnos mistérios que estão sempre ligados às comunicações entre os homens vivos e os homens mortos.

Depois que, no Ocidente, após o Renascimento sobretudo no século XVI, a ciência foi obtendo grandes conquistas, os homens cultos, estudiosos, puseram-se a duvidar dessas relações entre vivos e mortos e a considerar que a sobrenaturalidade da alma era um absurdo ante a ciência. Como tais factos não eram observáveis e não podiam ser contidos dentro dos esquemas construídos pela ciência, não passavam êles de meras alucinações, produtos de cérebros doentios, imaginação exacerbada, sem qualquer fundamento na realidade.

Mas sucede que um grupo de cientistas, sobretudo no século passado e neste, raciocinaram diferentemente. Pensaram assim mais ou menos: a alquímia era antigamente uma magia. Não se dava valor científico a ela. No entanto, foi da alquimia que surgiu a química, essa extraordinária ciência que permitiu tanto progresso para o homem. Por-tanto, em vez de ficarmos na posição de incrédulos, sem qualquer outra actividade, porque não procuramos observar tais

factos e examiná-los com rigor científico, para podermos, afinal, informar se realmente se dão, se nos revelam algo da sobrenaturalidade, ou se não passam de meras alucinações ou mistificações de charlatães. Vejamos então o que se deu.

O natural e o sobrenatural

Numa pequena vila de Estado de Nova York, em 1847, havia uma família de nome Fox. Nessa casa ouviam-se ruídos estranhos, batidas nas paredes ou em mesas, enfim uma série de sons de origens desconhecidas. Com o sr. Fox e sra., viviam também duas filhas do casal. Observou-se ainda, pouco tempo depois, que as mesas e os objectos moviam-se sòzinhos. Não há dúvida que tais factos são muito conhecidos da literatura, e que o número das casas assombradas é infinito quase.

Existia nessa ocasião um homem de nome Post, místico religioso, que logo atribuiu os factos a comunicações com os mortos e inventou o meio de comunicação, que se tornou depois tão conhecido: "a mesa falante".

A sra. Fox logo se aproveitou das circunstâncias, cobrou entrada bem paga para quem desejasse assistir aos fenômenos e suas filhas foram entrevistadas por jornais, hoje coisa corriqueira, e o público da América apaixonou-se pelos acontecimentos. Foram tais factos os precursores do espiritismo, não pròpriamente das

manifestações metapsíquicas, ás quais, segundo a literatura e a história, vem desde épocas imemoriais.

Em pouco tempo, grande era o número de adeptos das novas idéias pregadas por Post, sobretudo em sua interpretação de que êsses ruídos eram realizados por espíritos de mortos, e que se comunicavam com os vivos, através do alfabeto criado por Post. E a pedido dos que ficavam à volta de uma mesa, o espírito de grandes personalidades mortas surgiam e se dispunham a responder às perguntas que lhe faziam.

Nessas manifestações, em que surgiram grandes personalidades mortas, as palavras e as idéias que dictavam aos mediuns estavam na proporção da cultura dêstes. E lá aparecia Dante fazendo versos capengas ou Lavoisier dizendo heresias científicas. Explicavam os espíritas tais malogros, sob a alegação de que a "máquina" do medium não era capaz de captar tôda a profundidade do pensamento do morto ilustre por ser aquêle inferior.

Na França, em Lyon, um professor de nome Hipolite Rivail, que se tornou conhecido sob o pseudônimo de Allan Kardec, fêz a unificação das idéias espíritas, dando-lhe certa ordem.

Foi depois daí que homens de ciência puseram-se a estudar os factos metapsíquicos. Ora esta palavra é de fácil compreensão, pois **meta**, como já vimos,

indica além de, e psíquicos já nos é uma palavra conhecida. Dessa forma, tratam-se de fenômenos que ultrapassam o psiquismo fundado no sistema nervoso, pois se trata de manifestações inteligentes de seres "desencarnados", ou pelo menos de manifestações que escapam à comum observação e que nos indicam haver algo de superior ao meramente físico em nosso espírito.

Na guerra de 1914, o grande cientista Olivier Lodge perdeu um filho em combate, Raymond. Dedicando-se às práticas espiritistas, afirmou êle ter conseguido manter contacto com o filho, o que o levou a escrever um livro de grande repercursão nos meios espíritas e científicos. Tais factos, porém, poderiam ser debitados à conta da afectividade paternal, e serem negados por qualquer cético.

Não foi êsse o primeiro cientista a interessar-se por tais fenômenos. Também Wallace, e o grande físico Crooks. Com êste, as observações atingiram a graus elevados, pois os factos foram cercados de tôdas as precauções científicas. Posteriormente, homens como Lombroso, Schiaparelli, Sergi, Morselli e outros, na Itália, realizaram experiências, que se reproduziram em todo o mundo, interessando em toda a parte cientistas, filósofos, artistas, médicos, etc.

Essas investigações levaram muitos cientistas a concluir que tais factos se devem, não a fôrças sobre-

naturais, mas pròpriamente a fôrças naturais, mas desconhecidas ainda dos homens.

Hoje não se põe mais em dúvida a autenticidade de tais fenômenos. Não há dúvida que há muito charlatanismo, e os próprios espíritas honestos sabem disso. Mas, para a ciência, salvo aquêles cientistas que se deixem arrastar por uma repulsa às idéias e tomam posição unilateral, não oferece mais dúvida. Mas não é a assentação de tais factos bastante para assegurar que os mesmos não sejam realizados por fôrças que dispõem os presentes. Há muitos casos que são meras alucinações colectivas, sugestão hipnótica, etc.

A metapsíquica, que é uma disciplina nova e que investiga tais fenômenos, os divide em duas classes: mentais e físicos.

Entre os mentais, temos a telepatia, a xenoglosia (a expressão em uma lingua desconhecida do medium), etc. Entre os físicos, temos os fenômenos acústicos, como golpes, o deslocamento de objetos, mesas giratórias, e fenômenos luminosos, aparições, materializações, etc.

Vejamos os primeiros: os telepáticos são hoje suficientemente provados, graças às observações feitas por cientistas, mas muitas das informações prestadas pelos espíritas e por seus escritores são frutos de charlatanismo, e em outras há flagrantes revelações de

mentiras soezes. Uma análise feita por cientistas sobre 2.000 casos, levou-os a classificar apenas 500 como acreditáveis em parte. Tal se deve por terem sido testemunhados e oferecerem garantias suficientes de verificação. Mas bastaria que um só fôsse real para que não merecesse mais dúvidas a realidade da telepatia. Há entretanto certos fenômenos considerados telepáticos que são fàcilmente explicáveis.

Vamos aos exemplos das pessoas que sonham com um parente que morre. Há realmente muitos que sonham tais sonhos, sem que os mesmos se realizem. Êsses, que não se realizam, são fàcilmente esquecidos. Mas se há coincidência, então, o sonho é revelador. Dá-se aqui o que se verifica com os jogadores. Quem perde não fala; mas quem ganha logo espalha por tôda a parte a sua sorte, e ainda outros se encarregam de torná-la mais conhecida.

Essa atitude psicológica é de grande valor para os banqueiros e também a razão porque perdendo 99 % dos jogadores, sempre o 1 % é uma esperança para os perdedores, graças à propaganda. Quanto aos testemunhos, sabe-se hoje muito bem, através das observações psicológicas, que seu valor é pequeno, dadas as influências decorativas da imaginação humana que completa com côres e aspectos extranhos à realidade os factos passados.

Não se pode, porém, negar, repetimos, a realidade dos fenômenos telepáticos, as transmissões de idéias. Não se conhece ainda o veículo e o meio dessas transmissões, mas alegam os espíritas que tais factos se assemelham às comunicações por ondas hertzianas, que conhecemos nas rádios. Não há duvida que nosso sistema nervoso é sede de fenômenos eléctricos e emissor de ondas. Enquanto se trata de comunicações a pequenas distâncias as dúvidas são menores, mas quando se trata de comunicações a grande distância, cresce o ceticismo.

Os fenômenos mais interessantes que ùltimamente se têm verificado são os de ordem física, que se produzem no medium por meio de uma substância que sai do seu organismo, e não da psique, e à qual é dado o nome de **ectoplasma.** Êsse ectoplasma é fotografável com raios de certa longitude de onda e são palpáveis, formados de uma matéria filamentosa, parecida à teia de aranha. Sai essa substância do corpo do medium, e assume formas orientadas pela imaginação dêste, como formas de corpo humano, figuras plásticas, etc.

É invisível sob as condições normais da luz, mas é essa substância suscetível de ser revestida de verniz, e parafina. No Instituto Metapsíquico de Paris foram feitas extraordinárias experiências como o médio Kluski, o qual criava fantasmas com pés e braços, mãos

que deixavam suas marcas na parafina fundida, o que permitiu, graças ao emprêgo do gesso, que as revestiu, mostrar formas de pés e mãos anormais. Depois da experiência, parece que a médium reabsorve o ectoplasma, passando por variações de temperatura fàcilmente verificáveis. O prof. Murani provou também que êsse ectoplasma provoca fenômenos elétricos e magnéticos. As experiências ectoplásmicas nos revelam que estamos em face de factos que ultrapassam o campo comum dos conhecimentos científicos e que é algo que produz o organismo vivo, o que ainda não compreendeu bem a biologia, sobretudo por oferecer modificações que não se coadunam com suas leis.

Experiências transcendentais

Tem sido observado e comprovado que há indivíduos de excepcionais qualidades, que realizam experiências que ultrapassam as meras explicações que permitem formular-se com a aceitação da hipótese ectoplásmica. Temos os exemplos de certos mediuns e faquires que conseguem atravessar a matéria com outra matéria. Sob o cuidadoso controle de pessoas aptas, cientistas, médicos, etc., na India foram colocados faquires completamente atados, dentro de câmaras de metal, perfeitamente controladas e fechadas, e, no entanto, o faquir, inesperadamente, saiu da câmara, perfeitamente livre. Também se fizeram expe-

riências de transmissão de objectos para vários lugares, através de paredes, tendo tais experiências sido controladas com o máximo cuidado.

Aqui, o cético encontra factos que o deixam confuso. As explicações têm sido as mais variadas, mas não conseguem satisfazer aos estudiosos. Tais factos podem ter um desmentido fácil de jornalistas, escritores, etc. Mas, na verdade, todos aquêles que vão à India, e procuram assistir tais manifestações dos faquires, sobretudo dos grandes faquires, que não se exibem ao público nas ruas, mas os que apresentam suas fôrças em recintos escolhidos pelo espectador e apenas assistidos por grupos, selecionados, têm tido oportunidade de ver factos que confundem o mais impenitente descrente.

Uma das explicações que mais se tem usado e abusado, ùltimamente, é a da quarta dimensão. Essa expressão que mereceria um estudo todo especial é mal empregada pelos que desejam dar uma explicação dentro dos quadros da ciência actual.

O que se chama de quarta dimensão seria uma dimensão diferente das tres que conhecemos, que servem tão bem para a construção da nossa realidade física. Não é pròpriamente o tempo, como muitos pensam, pois o tempo não é considerado dimensão do espaço, mas apenas funciona com êste, coordenadamente.

Os fenômenos metapsíquicos

As dificuldades que se encontram sobretudo quanto à explicação de tais factos decorrem, principalmente, do desinterêsse que se verifica entre os cientistas para tais fenômenos, cansados que estão de assistirem a tantos charlatães que os exploram com finalidades interessadas. Dessa forma, infelizmente, a atenção que deveria ser dirigida para tais factos, afim de classificá-los e estudar-lhes as condições de seu aparecimento, para permitir uma análise das circunstâncias que os rodeiam, para que se pudesse encontrar um fio revelador que nos levasse a uma sólida solução científica, impede que tal desejo, que é o de todos, seja realizado.

É extraordinário notar que tais factos não se verificaram apenas em nossos dias, mas a história nos mostra de forma patente e constante que em tôdas as épocas e em tôdas as regiões surgem testemunhos vários de tais acontecimentos que sempre estimulam a imaginação humana e estão a exigir explicações.

O homem sabe pouco ainda do muito que poderá saber. Por sua imensa insatisfação nunca está sa-

ciado de saber. Os homens querem saber **por que** e **como** se dão tais fenômenos. Infelizmente muitos, em vez de procurarem estudá-los, analisá-los, descobrir-lhes os factôres de sua realização, preferem simplesmente ignorá-los ou, então, tomar a fácil posição cética, que consiste em afirmar que são apenas obras de charlatães.

Parece incrível, que havendo tantos conspícuos, sábios como Crookes, Lodge, Flammarion, Richet, Einstein, Schoenberg, Eddington, etc. e muitos outros, se interessado por tais factos, não tenham ainda aprendido com a experiência dêsses homens que o verdadeiro papel do cientista se não pode descobrir os porquês dos fenômenos, deve pelo menos descrevê-los, e não apenas nagá-los, por não poder compreendê-los.

* * *

Partindo do que já verificamos, nos capítulos anteriores, podemos estabelecer algumas premissas que nos auxiliarão a estudar de melhor maneira tão importante problema.

Não resta a menor dúvida que factos extraordinários sucedem.

Parte dêsses factos podem ser debitados à conta de alucinações, sugestões, histerias, etc. Mas, parte,

a menor, e a mais importante, verificada por homens de responsabilidade e sob o mais completo e rigoroso contrôle, não são explicáveis dentro dos esquemas científicos que possuímos.

Desta forma, a posição cética, que seria conveniente como método, útil como ponto de partida por sua exigência de rigorismo, não pode firmar-se definitivamente em face dos acontecimentos verificados.

Se nos colocamos numa posição dualista, aceitamos o mundo da matéria e o mundo do espírito, pois não haveria dualidade se ambas as partes fôssem homogêneas, idênticas, absolutamente iguais.

Desta forma temos de aceitar duas ordens: a ordem material, e outra ordem, que deve ser completamente diferente desta, a espiritual. Com a aceitação do dualismo, o dar-se de um mundo sobrenatural, é plenamente aceito, porque se conceitua a natureza como o mundo do existir, o mundo que tem corporeidade. Nesse caso aceitar-se-ia que o mundo sobrenatural não teria nenhuma das qualidades do mundo corpóreo. Ora, o mundo corpóreo é o mundo do que se dá no tempo e no espaço, do que sucede, do que se transforma e do que tem dimensões. Assim sendo, o mundo espiritual não teria nem dimensões nem tempo, não seria espaço nem tempo, mas sim

apenas eternidade (onde o passado, o presente e o futuro seriam um único presente).

Logo nos assaltaria esta pergunta: se êsse mundo espíritual é incorpóreo (não se dá nem no tempo nem no espaço) como podemos assistir manifestações que se dão no tempo e no espaço? Não prova a própria manifestação que o que se dá é ainda natureza e não sobrenaturalidade?

As respostas a essa interrogação não satisfazem. Vamos apresentar a principal: realmente o espiritual é incorpóreo, mas é êle que move, dá vida, dá movimento, transforma em ação o corpóreo. Mais poderoso do que êste, dirige-o, modela-o, dá-lhe uma forma. A matéria é, por si, estática, sem vida. É essa potência espiritual, que a dirige, que a movimenta, que a transforma em actividade. E tem a matéria, mais vida quanto mais estiver impregnada dessa potência espiritual.

Ora, o homem é o ser que apresenta a forma mais activa, mais vibrante da matéria, que se revela através do seu psiquismo, o seu espírito, que é inteligente e profundamente afectivo. Dessa forma, é o homem portador de maior espiritualidade. Na matéria bruta, o espírito actua como causa móvel, põe em movimento o que por si só não o teria, mas, no homem, há maior intensidade espiritual, por isso é inteligente.

Duas conclusões decorrem dái:

1) que só é destrutível o que é transformável. Ora, a matéria é transformável, porque pode conhecer novas formas, logo é destrutível. Só o que é heterogêneo, isto é, múltiplo, formado de múltiplos elementos, pode ser desintegrado. O espírito, por ser homogêneo, por não ser corpóreo, por não ser composto de múltiplos elementos, não pode ser desassociado, nem desintegrado. Dessa forma, desde o momento que um ser, como o ser humano, consegue atingir o grau de constituir sua tensão espiritual, que é homogênea, pelo grau que tem, ela é indestrutível. Conseqüentemente: não perece com o corpo que é matéria, corpórea. Sobrevive ao corpo, é eterno.

2) Ora a inteligência nos é revelada pelo grau de intensidade espiritual.

Além disso, sendo o espiritual o que modela, o que forma, o que dá ordem à natureza, o que cria, porque criação, pròpriamente, consiste em dar ordem, em dar uma estrutura nova ao que ainda não tinha, e não tirar do nada, no sentido de um nada absoluto, como muitos pensam, êsse poder espiritual é inteligente. E é inteligente pela simples razão seguinte: a palavra inteligente vem de **inter** e **lec**, prefixo **inter** significa em latim **entre**, e o radical **lec** significa **tomar, colher.** Daí surgem palavras como

eleição, de e... lec, escolher, colecção, de com... lec, escolher com, colecionar, lição, de lec, etc.

A ação intelectual consiste em escolher entre muitos um ou alguns aspectos. Só tem intelectualidade o que é capaz de escolher entre... O homem é inteligente porque pode escolher entre isto e aquilo, tanto isto como aquilo. Não é inteligente o ser que é incapaz de escolher entre isto e aquilo. O animal, que se deixa levar apenas por seus intintos, não é pròpriamente inteligente, porque não escolhe, não pode dizer não a isto e sim àquilo, apenas diz sim à natureza. Mas o homem pode dizer não e diz não à natureza; por isso, é êle inteligente.

Ora, o poder espiritual escolhe entre as infinitas formas que lhe são possíveis, esta ou aquela que dá à matéria. Digamos que alguém dissesse: não; o espírito não escolhe, é determinado a dar esta ou aquela forma. Poderia o dualista responder assim: se o espiritual é determinado a dar esta ou aquela forma, êle é determinado por alguém. Se aceitamos que há apenas duas ordens, a da natureza e a espiritual, o espírito só poderia ser determinado pela natureza. Mas se já estabelecemos que o espírito é superior à natureza, como aceitar essa determinação da natureza? O que há aqui é simples, responderia o nosso dualista: a natureza, por ser natureza, não é capaz de captar a compreensão do espírito em sua totalidade. Quanto

mais captar, mais capta, aqui é como a sêde de quem bebesse água do mar, ela cresceria à proporção que bebesse essa água. Os homens, que não sentem o espiritual, é porque dêle se afastam.

Mas diria um opositor: se o homem se afasta é porque é mais forte que o espiritual, nesse caso.

Sim, responderia o dualista, assim nos pareceria. Mas o homem se afasta do espiritual porque tem espírito. Do contrário seria apenas subjugado pelo espírito. E o homem o faz porque pode escolhar, e porque pode escolher entre o bem e o mal, e se prefere o mal é porque assim o quer e, portanto, assim sofrerá as conseqüências de sua escolha. Quem iria acusar o leão de ser leão, a raposa de ser raposa, a serpente de ser serpente? No entanto, todos sentimos que, quando praticamos um mal, somos dêle responsável, salvo os casos em que o homem não possui espiritualidade bastante para poder dirigir-se, que são os casos de alienação mental, etc.

A ordem que se verifica no universo é uma ordem que poderia ser diferente. Todos nós sentimos e compreendemos que poderia ser diferente. Ora, se o homem tem capacidade de imaginar o mundo diferente do que êle é, eis uma prova de que êle pode escolher entre isto e aquilo. Falta-lhe apenas o poder de realizar isto e aquilo. Que surge então daqui? Sur-

ge conseqüentemente êste raciocínio: O mundo é como é. Se podia ser diferente é que foi escolhido ser assim e, se assim foi escolhido, deve-se tal a um poder espiritual, que é o supremo de todos, que é Deus. Êste escolheu assim, como poderia ter criado de outro modo. Ora, esse supremo poder espiritual não pode ser determinado por outro, porque se o fôsse não seria o supremo, pois teria outro mais poderoso que êle. E êsse outro, então, seria supremo e livre. E se êsse fôr determinado, então teremos outro poder superior que o determinaria, e assim por diante. Chegaríamos, portanto, fatalmente a um poder que não seria mais determinado. E êsse seria, então, Deus. Se o homem participa dêsse espírito, o homem tem em si algo de divino, isto é, participa da divindade.

Êsse espírito do homem é indestrutível. E se o é, não morre, é imortal. E se não morre, perdura além de sua vida.

Mas o que se verifica, então, prosseguiria o nosso dualista, é que nas manifestações da existência, se o espírito modela as coisas, se dá forma à natureza, as coisas da natureza estão mais impregnadas de espírito ou menos. As mais belas, as mais extraordinárias, as mais fortes são as que delas estão mais impregnadas.

Como é o espírito que mantém a forma, as coisas perdem a sua forma e se transformam, quanto menos espiritualidade elas tiverem.

Ora, o homem é um conjunto de várias formas que formam uma unidade; o indivíduo humano. As partes do homem que perecem logo, isto é, as que se transformam, são aquelas que têm menos espiritualidade. Como o psiquismo humano é o que possui mais espírito, êsse espírito, enquanto espírito, não perece, mas perece o que é corpo, o seu sistema nervoso, as carnes, etc.

Quanto mais puro fôr êsse espírito, mais fôrça terá êle. Se estiver ainda carregado de muito do terreno, êle não será tão poderoso. Daí concluem os dualistas sôbre o dever ético do homem que consiste em salvar seu espírito, isto é, libertá-lo de tudo o que é perecível, de tudo que morre, para que seu espírito não encontre embaraços que lhe criam o material.

As opiniões dualistas têm sido defendidas e combatidas, com igual encarniçamento. É compreensível que não seria possível, aqui, responder a tôdas as objecções que poderiam assaltar neste momento a mente dos leitores. Mas, na verdade, a longa polêmica que se trava neste sector, nos mostra de maneira evidente que as razões dos dualistas não satisfazem plenamente.

Vejamos, agora, como raciocinam os monistas.

Os argumentos dos monistas

Já vimos que os monistas não aceitam a duplicidade de ordens. A natureza e o espiritual são, para os monistas, nomes diferentes de uma única ordem, a ordem da existência que, por ser múltipla em suas manifestções, que vão de graus mais altos a graus mais baixos, nos dão a ilusão de existirem duas ordens.

Afim de fugirem às dificuldades que oferece o dualismo, os monistas também caem em outras dificuldades, de maneira que a longa polêmica continua sem encontar uma solução que satisfaça a todos.

Para os monistas, não há mundo sobrenatural. O que se chama sobrenatural não é, pelo menos, estranho ou absolutamente diferente da natureza. É apenas um grau mais elevado ou mais subtil do existir.

Observemos o mundo. Vemos que, nele, os corpos se apresentam com estados diferentes: há corpos sólidos, há líquidos, há aeriformes, há fluídicos. Os exemplos podem ser dados pela terra, pela água, pelo ar e pelo fogo. O que chamamos, por exemplo, de fôrças electro-magnéticas são corpos de uma fluidez maior que os outros. Tôda a substância natural poderia passar por êsses estados e ainda outros mais sub-

tis. O que se chamaria espírito seria um dos estados mais subtis da natureza. Dessa forma, os fenômenos chamados sobrenaturais e, entre êles os metapsíquicos, são apenas estados mais subtis da natureza. Se não podemos compreendê-los no estado actual dos nossos conhecimentos, nossa ignorância não é um argumento cabal contra êles, porque a ignorância não é argumento. Quem poderia acreditar em ondas hertzianas, as ondas do radio-difusão, em plena idade média? E em nossos dias mesmo, quantos novos inventos vem impressionar-nos, dos quais nem poderíamos imaginar?

Se a matéria encerra tantos poderes, — e a energia muclear nos mostra —, como poderemos negar outros poderes que ainda não conhecemos?

Os monistas, mesmo que se ponham no terreno meramente materialista, apresentam uma variedade de explicações impressionantes. Mas sucede que êsses argumentos ainda não são suficientemente fortes para anularem as idéias dualistas, mas oferecem possibilidades de novas colocações do problema que podem incluir ambas as concepções numa só.

Pedimos a máxima atenção do leitor e vamos apresentar outra solução que é um hábil aproveitamento das duas clássicas soluções.

Admitamos, para raciocinar, a posição monista. Neste caso a substância universal seria um só, que se manifestaria de maneiras diferentes. Ora, se ela é uma só, homogênea, como pode apresentar heterogeneidade?

Poder-se-ia responder dizendo que a substância universal tem combinações diferentes de pequenas parcelas quantitativamente diferentes.

Vamos explicar de fôrma mais clara. O átomo, por exemplo, é um todo, uma estrutura composta de eléctrons e um núcleo com seus protons, etc. A substância, que comporia êsses corpos, seria, no fundo sempre a mesma. Imaginemos que temos sôbre a mesa uma centena de botões de matéria plástica, todos formados da mesma matéria. Imaginemos que são iguais. Mas podemos, com êles, combinar muitas formas diferentes. Podemos, com êles, formar um círculo, um quadrado, etc. Assim seria a substância universal, que pode assumir formas, combinações múltiplas.

A mesma substância gera numerosas combinações. Temos, então, o Um que gera o Múltiplo, o número, o numeroso. Quando Pitágoras dizia que o número era a essência de tôdas as coisas, não dizia uma infantilidade como pensam tantos ingênuos professores de filosofia. O numeroso é a qualidade do existente, o ser número, o ser combinado.

Ora, essas combinações que têm ordem, êsses números, encontram seu limite uns nos outros. Mas o Um, o universal, não tem limites porque é Um e Único. Nesse caso se explicaria porque são limitadas as coisas e porque é infinito o Um. Êsse Um é um poder livre, porque, não sendo determinado, é livre. Só a parte, o número, o numeroso é determinado. Logo, o Um é livre e pode combinar tôdas as formas que quiser, todos os números que quiser. É, portanto, inteligente, por que escolhe. Se o Um não fôsse inteligente e livre seria limitado por Outro, e nesse caso deixaria de ser, para ser apenas outro dêsse outro.

Ora, o homem possui em si todos os estados do ser. É sólido, líquido, aeriforme, fluídico, e mais outros estados que escapam ao alcance dos nossos sentidos.

Os nossos sentidos são limitados e apenas apanham uma parte mínima do existir. Dessa forma, o que fica além de sua capacidade não pode ser negado.

Por outro lado, se somos também um, que se tornou numeroso, temos em nós algo dêsse Um, que é poderoso, livre. Podemos, portanto aumentar a nossa liberdade à proporção que fôrmos mais Um, isto é, mais únicos, mais senhores de nós, mais livres das determinações. Não alcançaremos a liberdade total

enquanto permanecermos como somos, mas sim quando formos incorporados ao Um. Nesse caso, devemos procurar ser livres para que possamos atingir essa situação previlegiada. Daqui decorre, desde logo, tôda uma moral para a vida, tôda uma forma de ação humana.

Se nos colocarmos em qualquer uma dessas posições poderemos aceitar a presença de factos extraordinários que ultrapassam a estrutura da nossa realidade sensível. Mas aqui se poderia ainda colocar uma pergunta:

Se há algo que ultrapassa ao nosso mundo sensível, é êsse algo passível ou não de ser sentido? Se a resposta fôr afirmativa, isto é, se dissermos que é passível de ser sentido, então quem nos interroga poderia ainda dizer: Se é passível de ser sentido e se admitimos que o sensível e o corpóreo, então êsse aspecto do existir é corpóreo. Nesse caso pertence ao sensível, e se pertence ao sensível é natural.

Para respondermos a êsses argumentos, aceitemos a apresentação dêstes: sim, o que parece sobrenatural, assim o chamamos porque escapa à nossa realidade sensório-motriz, aos esquemas dos nossos sentidos tradicionalmente estudados pela psicologia. Mas não temos apenas êsses sentidos, pois há homens excepcionais, que dispõem de sentidos que apreendem

aspectos da natureza que não formam dentro dos esquemas dos nossos cinco sentidos. Sabemos que a visão é o sentido da luz, e a luz é apenas uma pequena escala de vibrações. Nossos ouvidos captam as vibrações das moléculas do ar, o tacto, as resistências, também o sabor e o odor.

Há outros aspectos da natureza que exigiriam outros sentidos. Sabemos que há sons que não são captados normalmente por nós, como vibrações outras, como as electro-magnéticas, as hertzianas, os raios cósmicos dos quais não temos consciência por não dispormos de sentidos específicos. Apenas os captamos, graças a instrumentos, aparelhos complicados, que nos traduzem em meios captáveis por nossos sentidos. Conhecemos a electricidade através de suas manifestações, como conhecemos essas vibrações também através dos efeitos que elas produzem em outros, não, porém, nelas mesmas. E isso, como já vimos, dá-se porque nossos sentidos tradicionais não são apropriados para tais captações.

Se tivéssemos outros sentidos, outras seriam as nossas possibilidades de conhecimento. Ora, para os espíritas e para os estudiosos da metapsíquica, os mediuns (não nos referimos aos charlatães) são êles possuidores de sentidos que captam vibrações outras que as captáveis por nossos sentidos comuns.

Na verdade, o número de vibrações que a ciência conhece são limitadas. Mas, se considerarmos o que foi a transformação da ciência do século passado para êste, podemos perfeitamente aceitar que nem tudo ainda conhece a ciência. Há possibilidades novas ainda não discortinadas, porque não podemos concluir que já tenhamos atingido aos extremos de nossos conhecimentos.

Experiências transcendentais

Cansados da posição simples e primária de que todos êsses factos se devem debitar à conta de alucinações, sugestões ou simplesmente charlatanismo, cientistas actuais, sem receiar a crítica fácil dos adversários de qualquer explicação sobrenatural de tais fenômenos, têm envidado, dentro dos quadros da ciência, experimentá-los até onde é possivel, no afã de encontrar alguma base sólida ou não de tais factos.

Em outras palavras: sabem os cientistas que o campo da ciencia, embora extensivamente ilimitado, é, no entanto, intensivamente limitado. A ciência revela ou procura revelar como se dão os fenômenos. Não pode penetrar no porque, na razão dos mesmos, nem tampouco nas finalidades que escapam ao campo do imanente, o campo do próprio fenômeno, e penetrar, dessa forma, no campo do transcendente, do que ultrapassa o fenômeno, o inexperimentável. A ciência não pode responder as interrogações colocadas no transcendente, porque já estão em terreno que as ultrapassam.

Sabe muito bem o cientista criterioso que, quando penetra nesse terreno, já não está falando como

cientista, mas como filósofo, porque está ingressando no terreno da metafísica, que a boa e honesta ciência não pode nem aceitar nem regeitar, sob pena de, em qualquer das duas atitutes, tomar uma que se oponha terminantemente à verdadeira posição do homem de ciência, enquanto tal.

Mas, se a ciência não pode, como assim se tem dito e assim se pensa, responder a tais perguntas, por outro lado é preciso considerar que o campo do experimentável é o campo da ciência, e que ninguém pode ainda, munido dos nossos conhecimentos, assegurar que os cientistas, dentro apenas dos quadros da ciência, não possam dar uma luz aos factos metapsíquicos, dadas as inúmeras relações com o fenomênico que êles apresentam.

Além disso, por uma concepção ainda paleofilosófica, a ciência viveu, nestes últimos quatro séculos num divórcio crescente da filosofia. E enquanto esta parecia paralisar-se, a ciência, prosseguindo em sua marcha, havia alcançado a pontos elevados, enquanto a filosofia permanecia patinando dentro dos esquemas da filosofia grega. Tal se dava, pelo menos, no Ocidente.

Ora, êsse divórcio entre a filosofia e a ciência era resultado apenas de uma má colocação do objecto da filosofia por parte dos filósofos. E durante êsse lon-

go período até nossos dias, houve muitos que compreenderam a má colocação do objecto, o que servia a interêsses outros que pròpriamente aos do saber humano. Mas êsses filósofos não são os mais conhecidos dêsse longo período e permaneceram em segunda plana na filosofia oficial e oficializada, tais como Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Pico della Mirandola, Paracelso, Spinoza, Goethe, Stirner, Nietzsche, Proudhon, etc.

Se a ciência se prende a responder ao **como** dos fenômenos e apenas dentro do campo dêstes, a penetração no mais profundo levá-la-ia, como levou, a uma inducção construtiva dialética que a punha, de chôfre, sem que o quisesse, em face dos porquês. É que, por mais que a ciência se prendesse aos factos, como os factos se dão, êsses revelavam dialèticamente mais, um além dêles, que não cabia dentro dos quadros apenas do imanente (do campo do fenômeno). E, dessa forma, sem que o cientista pròpriamente o quisesse, viu-se êste obrigado a fazer filosofia.

Por sua vez, o filósofo, desde que se libertasse dos esquemas estreitos de um racionalismo incipiente e primário, e penetrasse corajosamente no terreno não só do simbolizado como do símbolo, procurando, através de uma dialética simbólica, ver nos fenômenos as expressão do seu transcendente, ver nos factos a linguagem do que o transcendia, punha-se êle, de

chôfre, também, no terreno da ciência. E veriam, como alguns acabaram por ver, que a ciência e a filosofia encontravam no campo da simbólica o seu ponto tão desejado de encontro que as poria a cooperarem uma com a outra, e não mais a satisfazer as opiniões de dois bandos que se degladiavam ridiculamente, sob o pretexto de estarem com a verdade, acusando-se mutuamente de quiméricos ou de míopes.

Essa ridícula luta ainda continua, infelizmente, em ambos os sectores, e empolga a maioria dos seus elementos componentes.

Mas é de esperar que se clareiem com o tempo os espíritos e os filósofos, como os cientistas, compreendam que a ciência (seja qual fôr seu objecto) não pode mais construir-se senão dentro do signo da cooperação, e que a luta dos contrários, na natureza, não é uma luta destrutiva, mas construtiva, e de mútuo apoio, que um dos competidores não pode prescindir do outro, e que se alimentam precisamente de sua oposição.

Essa concepção do mundo, que será a vitoriosa e marcará o novo signo de uma renovação e de uma nova cultura humana, capaz de substituir esta em declínio e em decadência, já tem suas bases bem fundadas, e em outros trabalhos nossos teremos oportunidade de mostrá-las. A concepção cooperacional dos

opostos é evidente hoje em tôda disciplina científica, pois nenhum vector existencial pode realizar-se sem a imprescindível presença de seu contrário. O cosmos não mais será olhado em exclusão, ou isto ou aquilo, procurando reduzir o isto ao aquilo, como é o vezo dos filósofos e dos interpretadores da ciência, que procuram reduzir os factos a um facto, homogeneizando-os, para compreendê-los, mas será visto como e... e..., isto é, aceitando os contrários como antinomias imanentes e irresolúveis, eternas e necessárias, porque uma se alimenta do seu contrário que a afirma e a completa. O infinito é a completação dos contrários. Tudo quanto é; existencialmente, afirma o seu contrário, o que não é êle. O todo universal só é todo porque inclui em si todos os contrários.

Considerando assim, e aplicando ao campo dos nossos conhecimentos não se deve ver a ciência uma disciplina que luta para aniquilar a filosofia, nem nesta outro competidor de igual jaez. A filosofia como a ciência cooperam e uma alimenta a outra, e quando êsse espírito penetrar no domínio, tanto de filósofos como de cientistas, teremos aberto uma nova senda para a humanidade. Sabemos que o espírito de seita cria dificuldades a êsse encontro. O religioso, por exemplo, dominando pelo sectarismo, olha com desconfiança o cientista. Basta ler-se as obras de homens de seita para nelas vermos todo ressentimento do ho-

mem religioso contra a ciência, acusando-a de impiedade. Por sua vez, a leitura de certas obras de divulgação científica, realizada por escritores do século passado, na sua maioria e até dêste século, nos mostram um espírito deliberadamente anti-religioso, que procura, por todos os meios, desprestigiar as crenças, lançando-lhes a pecha de superstições, nascidas apenas da ignorância.

Tais atitudes são o produto direto dessa velha concepção paleofilosófica que leva a crer que as disciplinas do conhecimento humano estão feitas para degladiarem-se e uma reduzir ao silêncio a outra, passando a subordinar suas explicações às explicações da outra, sem compreender que as coordenadas de cada realidade, seja físico-química, biológica, psíquica, etc. são compostas de inúmero, de múltiplos elementos, que cooperam entre si para construir a realidade global e, estas, a realidade universal, cósmica.

E foi pensando assim que cientistas modernos têm procurado colaborar com homens religiosos e com filósofos para observarem os factos metapsíquicos e procurar encontrar neles, em primeiro lugar, a exactidão científica de seu acontecer e, em segundo lugar, a explicação filosófica de suas razões. Sem pôr a ciência em hora de morte, a polêmica existe entre cientistas e filósofos, mas é um terçar de armas de campos diferentes para fortalecer uma a outra, como dois pu-

gilistas amigos, que se exercitam ora atacaudo, ora defendendo, para treinar a defeza e o ataque mútuos. Cremos que êsse exemplo analógico do nosso pensamento, apresentado pelos dois pugilistas, pode muito bem dar uma idéia do que concebemos como ação polêmica (mas construtiva e criadora) da ciência e da filosofia.

Não vamos aqui relatar os trabalhos realizados nesse sector senão apenas algumas contribuições importantes que nos trazem as experiências e os estudos feitos ùltimamente por Gustaf Stromberg, do Observatório de Mont-Wilson e do Instituto Carnegie de Washington, com a colaboração de biologistas americanos tais como drs. William D. Humason, Thomas Hunt Morgan, além de O. L. Sponsler, da Universidade de Califórnia, o professor Albert Einstein, famoso físico e matemático, Sir Arthur Eddington, outro dos grandes físicos actuais, além de Walter S. Adams, Frederick Seares, Adward F. Adams (do Obs. de Mont-Wilson), John Elof Boodin, professor de filosofia da Universidade de Califórnia, M. B. Zirkoff, da Universidade de Teosofia de Point Loma, dr. Karel Hujer. de Praga, e muitos outros cientistas franceses, ingleses, suecos, etc. Seria impossível fazer um relato completo das observações e das explicações por êles oferecidas. Mas, procuraremos relatar alguns factos e mostrar que a ciência actual trabalha honesta-

mente em cooperação com a filosofia liberta de seitas, em busca de uma explicação do universo que possa ajudar a responder às grandes perguntas humanas e auxiliar a muitos a libertarem-se de uma série de preconceitos. Êstes têm servido apenas para tortura e para alimentar as já atrozes angústias humanas, exarcerbadas por dois séculos de descrença e de uma visão parcial da realidade, que levou o homem a verter-se apenas para as coisas, como se nelas pudesse encontrar um alívio.

Vejamos o que se tem verificado.

O que nos mostra a Filosofia e a Ciência

Conta-nos Gustaf Stromberg um caso interessante assinalado pelo artista inglês M. Brook-Farrar e por um fotógrafo de nome G. A. Smith. Achavam-se ambos na India, e visitavam o templo secreto de Katargama, nas selvas do Ceylão, com o intuito de obter vistas cinematográficas do mesmo. Logo que chegaram ao templo, viram muita gente e uma jovem Tamul que dansava na frente do templo, à luz do sol. Era ótima a oportunidade e o cameraman logo aprestou as cameras e filmaram a cena inteira do bailado. Através do visor, o operador via tôda a cena do bailado acompanhando-a com o máximo cuidado, como igualmente a via o artista inglês, e o público. Sùbitamente a jovem desapareceu, o que causou espanto aos dois ingleses, que interrogaram os presentes para explicar para onde ela havia ido, tendo os presentes se negado a responder. Souberam depois que se tratava de uma bailarina morta há muito tempo, e que aparecia aquelas horas para bailar naquele templo para os fiéis. Chegados ao laboratório, revelaram o filme, e qual não foi o espanto de ambos ao verificarem que o templo se destacava claramente, mas não havia a menor fotografia da bailarina.

Ante tais factos, é fácil negá-los simplesmente. Mas resolvemos alguma coisa por uma simples negativa? Não é essa uma solução fácil, enquanto a mais difícil é enfrentá-los e explicá-los? Na verdade, êsses tres séculos de propaganda acirrada da objectividade apenas fundada em nossos sentidos e em nosso racionalismo estreito, nos facilitava essa posição simples. Parecia mesmo que a ciência acabaria de vez com tôdas as "alucinações". Mas vejamos como procederam os cientistas.

Tal facto sucedido na India acontecera com dois homens que absolutamente não acreditavam em tais fenômenos. Poderíamos ainda citar inúmeros outros factos extraordinários sucedidos com pessoas insuspeitas, como os descritos atravéz das experiências feitas pelos cientistas que acima citamos, os quais procuram, por todos os meios, penetrar no mais profundo mistério que ainda os envolve.

Na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, o professor Rhine, com o auxílio de outros professores, sem a presença de mediuns, conseguiu realizar, mantendo todo cuidado e contrôle, fenômenos de telepatia (transporte de pensamentos e de imagens) e de clarividência (visão à distância, sem o uso dos olhos). E essas experiências foram feitas colocando-se objectos a longa distância, isolando-se as experimentações com tôdas as precauções possíveis. É fácil negar tais

factos, mas que vale uma simples negação? Não é preferível estudá-los?

As conclusões a que chegaram os cientistas acima citados, e entre êles Einstein e sobretudo Stromberg, para citarmos entre os mais universalmente conhecidos, é que o nosso universo revela ao lado das ondas materiais, estudadas pela física, ondas imateriais.

Assim, por exemplo, um nêutron é material, mas seu campo de gravitação é imaterial. O átomo é composto de partículas materiais, neutron, pósitrons, eléctrons, etc., mas reunidos numa unidade por uma estrutura imaterial, estrutura que os "organiza". As chamadas fôrças ocultas da física clássica são estruturas imateriais. Essas ondas misteriosas, que preocupam hoje tais cientistas actuam dentro de normas que ultrapassam as coordenadas da realidade material (físico-química). São ondas guias, criadoras, que pertencem a um mundo que não é mais tempo nem espaço, um mundo de eternidade, com as características, portanto, do que as religiões consideram o espiritual.

Profundos exames, levados ao terreno da genética, correspondem ao pensamento já exposto no campo da física. Citemos Stromberg:

"Os átomos eram olhados como compostos de elementos materiais — nêutron, positron, eléctron,

— cimentados juntos e organizados por uma estrutura imaterial espacio-temporal com as "malhas" finas ou "células" definidas pelo quantum de ação, estrutura que na física moderna é olhada como o substratum organizando e enchendo os átomos, as moléculas, os cristais e os corpos sólidos em geral.

A matéria deve algumas de suas propriedades estruturais ao campo no qual as parcelas de matéria são postas e êsse campo guia as parcelas no espaço e no tempo e determina os espaçamentos e algumas vêzes, também, a sua configuração.

As ondas-pilotos parecem dirigir os movimentos dos eléctrons; os eléctrons não dirigem os movimentos das ondas-pilotos

É necessário supor que o sistema de ondas imateriais comanda a posição e o movimento dos elementos materiais, e não vice-versa.

Assim supomos aqui que a perda de um eléctron, por um átomo, é antes o efeito que a causa de uma mudança na estrutura imaterial.

Em resumo, a estrutura material segue as mutações da estrutura imaterial e é determinada por esta".

Bem se vê aqui que a concepção de Stromberg não se coaduna com aquela concepção espiritualista que afirma a homogeneidade do espiritual, não mutá-

vel. No entanto, se considerarmos as mutações possíveis, apenas dentro dos nossos esquemas práticos (de praxis), as mutações exigem, por implicação, a idéia de heterogeneidade. Mas a fonte, as condições e as características dessas ondas imateriais não podem ser julgadas já pelos nossos esquemas. A ciência não teme o absurdo como a paleofilosofia, ela sabe que os absurdos o são quando se opõem aos esquemas aceitos.

Se a ciência não teimasse em enfrentar o que se dava contra a evidência, nunca teria rompido nem se oposto à razão, como o fêz Galileu e tôda a ciência moderna, que coloca a lógica ao seu serviço e não se coloca subordinadamente à lógica. Já Planck e Einstein haviam sentido tal na física. Era necessário ter coragem de enfrentar o absurdo, e a concepção corpuscular e ao mesmo tempo ondulatória numa flagrante contradição, da física moderna, coloca a ciência corajosamente dentro da dialética, enfrentando os contrários, mas unindo-os para uma visão de conjunto, que tem sido de grande proveito para a humanidade.

Prossigamos nas citações de Stromberg:

"A estrutura imaterial de um átomo ou de um cristal não tem existência observável na ausência de parcelas materiais. A despeito do facto que essa estrutura pareça definir a posição e o movimento das parcelas, não temos nenhum meio de decidir se essa

espécie de estrutura tem uma existência independente ou não.

Quanto um cristal é dissolvido num líquido, por exemplo, pela estrutura imaterial que constrói, o cristal se dissolve, nas partes mais elementares que dão às moléculas individuais seu carácter estrutural. Mas a existência de certas estruturas imateriais deve ser postulada até na ausência do elemento material. Por exemplo, as ondas radiofônicas, sôbre as quais a voz humana foi impressa, devem ter uma estrutura no espaço e no tempo que repressenta as vibrações do som. As ondas electro-magnéticas são causadas por eléctrons em movimento; mas as próprias ondas não levam eléctrons e viajam no espaço vazio com a velocidade da luz. Quando elas tocam na antena de nossos postos receptores, elas põem os electrons em movimento. As correntes eléctricas, que daí resultam, são amplificadas e actuam sôbre os nossos auto-falantes, e a estrutura levada nos é revelada pela forma do som de uma voz".

Essas ondas só são observáveis quando em associação com partículas materiais. Embora imateriais sofrem modificações quanto à sua actividade.

Um campo de fôrças não pode existir sem as fontes que o alimentam. São os eléctrons e os núcleons atômicos a fonte de um campo eléctrico; são os áto-

mos as fontes de um campo de gravitação. Nas radiações, as fontes são representadas pelos **feutons**, de massa zero, que têm de ser olhados como **imateriais**.

Até aqui estamos no campo da física. E no campo da biologia? Não são essas ondas que actuam aqui mais subtis que as do mundo físico As fontas vivas são também **imateriais**, pensa Stromberg e seus colegas. E aqui a obra dêsses biólogos penetra na estudo acurado da genética. A teoria do "campo organizador", essa "onda de organização", que Strömberg chama de **gênio**, que encerra uma sabedoria que ultrapassa a nossa compreensão, determina a estrutura geral do organismo dos diversos sêres vivos.

O gênio é apenas uma virtualidade; mas para transformar essa virtualidade numa realidade é necessário o que se chama **hormona** (de **hormo**, em grego, eu estimulo, eu provoco a actividade).

Uma hormona pode ser uma substância química, um impulso nervoso ou uma "onda eléctrica dotada de propriedades especiais. Mas olha sempre Stromberg a hormona, como de estrutura não material. Desenvolve êle um estudo demorado de diversos aspectos da genêtica que não caberia aqui tratar.

Em conclusão afirma:

"Numa substância inorgânica, como uma molécula ou um cristal, tôdas as fontes (nêutrons, eléc-

trons) são materiais e não vivas, quer dizer que elas têm resíduos de massas finitas e definidas, e se reproduzem por elas mesmas por desenvolvimento. As propriedades de estruturas dos sistemas de ondas associados (ondas materiais) nas substâncias inorgânicas são conseqüentemente definidas por suas configurações atômicas e pelo campo exterior.

Numa substância viva, há, por outra parte, fontes vivas e imateriais e seus sistemas de ondas, quando são postos em acção e desenvolvidos pelas hormonas, intervervêm com as ondas materiais e tendem a fazer coincidir e a harmonizar os dois sistemas de ondas.

Um sistema de ondas vivas é sustentado por uma única fonte e por um sistema coordenado de fontes, e mal pode ceder, mas o sistema de ondas, não vivas, de um fluido com muitas fontes independentes e com uma grande variedade de freqüências actuais ou em potência, pode facilmente ser modificado.

Após se aprofundarem no estudo da hereditariedade e dos genes, e da origem e do desenvolvimento da vida, temas que estudaremos em outros trabalhos, conjugando experiências e factos, em cooperação com as idéias físicas, demonstra Stromberg que a interpretação meramente materialista não pode mais fundar-se no que a ciência hoje apresenta. Por uma indução construtiva, a ciência, através de suas experiên-

cias e seus exames, se vê forçada a aceitar um mundo que está além do tempo e do espaço, ao qual estamos ligados através dc nosso espírito.

Tem surgido na filosofia teorias que procuram explicar essas relações entre o espírito e a matéria. Umas aceitam a dualidade espírito e matéria que entram em relações entre si, outras afirmam apenas a matéria. Dessa forma o espírito e os fenômenos mentais são produtos dela. Outros afirmam que tudo é espírito, e a matéria apenas ilusão, aparência dos nossos sentidos. Outros, finalmente, consideram matéria e espírito apenas como aspectos de um mesmo ser.

As experiências da Universidade de Duke foram estudadas por Stromberg e muitos outros cientistas, além de controladas com o máximo rigor e sem a presença de elementos interessados no êxito favorável das experiências. Essas experiências, de que já falamos, interessaram inúmeros cientistas nos Estados Unidos e no decorrer dêste anos foram feitas novas, coroadas de pleno êxito.

É muito fácil, de um ponto de vista cético, negar simplemente tais fenômenos. Mas o que estão fazendo êsses cientistas é um trabalho meritório, porque, sem tomadas de posição prévias, pró ou contra, preferem analisar os factos realizados, ver sua correspondência dentro das grandes contribuições científi-

cas, a fim de evitar que, para o futuro, factos tão importantes possam continuar servindo de meio de exploração para charlatães.

Quando em dias dêste século Ortega y Gasset, ao ver os progressos da ciência, exclamava "Diós à la vista!", captava uma possibilidade que foi considerada extranha a cientistas dessa época. Se no século passado, quando se falava em Deus, um cientista poderia, sorrindo, dizer "não necessito dessa hipótese", hoje, o cientista moderno, muito mais consistente e mais assegurado em factos e observações, não sorri, mas permanence profundamente sério. E o mínimo que pode dizer é: "é um tema que merece cuidadoso estudo". Há excepções, é claro. Há ainda cientistas do século XIX, materialistas, presos aos esquemas ultrapassados do cientificismo daquele século. Mas essas sombras do passado, que como fantasmas assustam e acaudilham ainda tantos ingênuos, estão mais ligados a interêsses de ordem de seita política ou ideológica. Lá dentro de si mesmos, mais cedo ou mais tarde, a interrogação sôbre Deus se imporá inexoràvelmente, se já não se impôs. Na verdade, hoje, não há senão raríssimos grandes físicos, grandes biologistas e grandes astrônomos que não coloquem como uma exigencia do espírito e da coordenação da realidade cósmica a presença de um poder superior, cuja sabedoria ultrapassa a tudo quanto nós, dèbilmente, podemos conceber.

Depois de haver a ciência tomado atitudes tão quixotescas contra as idéias religiosas é notável que, neste século, seja precisamente através da ciência, que um conjunto de factos espantosos venham a ser colocados sôbre a mesa e exigirem a presença de tôdas aquelas interpretações religiosas, que eram julgadas, pelo positivismo do século dezenove, como recuadíssimas colocações do problema cósmico, produtos apenas da frágil base científica e filosófica do homem, ainda dominado pela metafísica. E essa mesma metafísica, que era tão enxovalhada e ridicularizada, ressurge hoje mais poderosa do que nunca.

Quem não sinta a significação dêsses factos, numa época como a nossa, de transição e de decadência, e não veja neles não uma segunda religiosidade mas como o anunciar de um mundo novo, não terá, a nosso ver, captado bem a significação da hora que passa.

* * *

Já vimos que, quer nos coloquemos na situação de monistas ou de dualistas, de céticos ou não, estamos em face de factos que desafiam os nossos conhecimentos. Uma simples negativa, vimos, é iludir apenas a nós mesmos e não resolver o problema. Enfrentá-los corajosamente é o dever de todo estudioso que se preza como tal.

O que até aqui vimos, nos permite estabelecer certas posições para ponto de partida de novas investigações. Quer aceitemos ou não o sobrenatural, há factos que ultrapassam aos nossos meios de conhecimento e os de explicação.

Dentro dos esquemas de nossa ciência, não podemos compreender claramente tais fenômenos. Nossas explicações comuns não são suficientes. Mas foram acaso suficientes as explicações da física antes da relatividade para explicar certos factos, para os quais foi necessário criar a teoria atômica? Não se vê a biologia, a química, e tôdas as disciplinas da ciência na contingência de reformar e criar novas explicações para enfrentar os factos novos que surgem? Não tem a filosofia moderna apresentado tantas novas idéias e renovado tantas outras esquecidas e julgadas ingênuas para penetrar em terrenos inesperados?

Não surgem hoje os estudos da afectividade e da psicogênese (nascimento da inteligência) oferecendo novas perspectivas para o desenvolvimento da psicologia?

Não há a exigência até de reestruturação da lógica para novas dialéticas, que enfrentem a variedade extraordinária dos factos e descubram entre êles novos nexos que permitam a melhor compreensão do acontecer cósmico?

Pois bem, êsses factos que ultrapassam aos nossos meios de explicação não são uma prova de que êsses meios são insuficientes e que precisamos de outros para poder compreendê-los?

Com uma nova lógica, como uma hábil combinação conexionada dos factos da afectividade com os da intelectualidade, não poderemos compreender as profundas intuições que vêm desde povos primitivos para construir, com êles, uma racional explicação? Possui o homem órgãos suficientes e possui, ainda, êsses prolongamentos extraordinários que a ciência, aliada à técnica, lhe concedeu: os aparelhos espantosos que lhe permitem penetrar em terrenos até então desconhecidos.

A filosofia, se bem compreendida, e a ciência, se bem orientada, não nos impedem que caminhemos por novas sendas. O homem tem meios para penetrar no desconhecido e a história do pensamento e da ciência nos revelam essa marcha. As velhas concepções da ciência são insuficientes. O velho conceito de matéria é obsoleto, como já o é o velho conceito de energia. Não nos bastam mais os simplistas esquemas dos séculos anteriores. A substância, como a compreendíamos, não é mais nada em face das "ondas de probabilidade", de que fala a física nuclear. Que é a dimensão em face das novas descobertas e o que será tempo e espaço, quando possamos desven-

dar mais alguns mistérios que a natureza guarda com recato, mas que não nos nega quando pedimos e sabemos pedir, para que no-los desvende.

O maravilhoso de ontem é a realidade de hoje; o maravilhoso de hoje será a realidade de amanhã!